

Brasília racionará água pela primeira vez em seus 27 anos

Brasília — Pela primeira vez, nos seus 27 anos, Brasília vai ter racionamento d'água. A previsão é que ele seja iniciado em maio. O Plano Piloto, onde moram 900 mil dos 1,7 milhão de habitantes do Distrito Federal, recebe por dia 198 mil 720 metros cúbicos de água, suficientes para encher uma caixa d'água de 20 metros por 20 metros com cem de altura, algo como o edifício da Petrobrás na Avenida Chile, no Rio, e está com 60% do seu abastecimento comprometido.

O Lago de Santa Maria, de onde vem a maior parte da água consumida no Plano Piloto, deve secar até agosto, se chover pouco, ou no máximo em novembro, se a chuva for generosa. Quem garante é o diretor de operações da Caesb (Companhia de Água e Esgoto de

Brasília), Antonio de Pádua, que já está colocando em prática o Plano de Racionamento de Água do DF.

— O problema é que por mais de quatro anos foram, e ainda continuam sendo, retirados 2,8 metros cúbicos de água por segundo do Lago de Santa Maria e do Lago do Torto, quando na realidade só poderíamos puxar 1,7 metro cúbico por segundo, como mostra estudo da Caesb realizado ano passado — explicou Pádua.

Mas o coordenador de Meio Ambiente do governo do Distrito Federal, Benjamin Sicksu, questiona esse estudo da Caesb.

— Tenho em mãos estudo da própria Caesb, datado de 83, que mostra um potencial de abastecimento para 3 milhões de pessoas. Agora a água acabou.

Se puxaram mais água do que podiam, o problema é preocupante. Quem é que operou isso assim? Uma vazão de 1 metro cúbico de água por segundo dá para abastecer 300 mil pessoas. Será que erraram na vazão do Lago de Santa Maria por uma margem tão grande? Em que base foram feitos esses novos cálculos?

A Caesb já tem um plano para manter o abastecimento d'água para o Plano Piloto. Ele custa entre Cz\$ 150 e Cz\$ 200 milhões e prevê a reativação de uma série de mananciais, a construção de outros (cinco ao todo) e o aumento de adução da barragem do Descoberto. Essas obras devem demorar cerca de seis meses, pelos cálculos de Pádua.

— Isso tudo está acontecendo porque há mais de 10 anos não se cuida desse tipo de problema aqui — argumentou o governador José Aparecido.